

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Dia Class.: Waiãpi 51

Data: 31/08/93 Pg.: _____

Antropólogo vê 'interesses econômicos' contra Waiãpi

A antropóloga Dominique Gallois, acusada de garimpagem irregular na reserva indígena Waiãpi pela prefeita do município de Amapari, Socorro Pelaez (PFL), disse que isso pode ser uma maneira de tentar inviabilizar a demarcação das terras Waiãpi. Ela afirma que essas manobras podem estar sendo articuladas por setores que não querem a demarcação da reser-

va por interesses econômicos. Ela considera estranho é que essas denúncias estão surgindo um mês antes do início dos trabalhos da demarcação, levantando fatos irreais sobre pessoas e instituições que estão diretamente ligadas a esses trabalhos de demarcação. A demarcação vai impedir definitivamente o acesso da área aos interesses minerais. (Pág.4)



Os índios não confirmam as denúncias, mas temem invasão de garimpeiros

Administrador da Funai e antropóloga recebem apoio

O administrador regional da Funai do Amapá e a antropóloga do Centro de Treinamento Indígena (CTI), acusados de garimpagem irregular na área da reserva Waiãpi, estão recebendo manifestações de solidariedade de vários órgãos e entidades ligadas às questões indígenas e da terra.

Dentre essas manifestações, destaca-se a do presidente da Funai, Cláudio dos Santos Romero, enviada ontem (30) à administração da Funai em Macapá.

O presidente da Funai, diz através de documento enviado a

Antônio Neto que "presta total apoio ao administrador da Funai no Amapá, bem como a antropóloga Dominique Gallois, pelo exemplar trabalho que vem sendo desenvolvido no projeto 'Controle Territorial' sobre recuperação de área indígena degradada e garimpagem manual entre os índios Waiãpi.

Romero diz ainda que "a Funai tem absoluta certeza e convicção no trabalho que a ADR/Macapá realiza em conjunto com a CTI, e que o referido projeto é de especial relevância para o futuro da comunidade Waiãpi".

Índios Waiãpi temem invasão de reserva por garimpeiros

A notícia sobre uma possível articulação feita por cerca de 2 mil garimpeiros que pretendiam invadir as terras dos Waiãpi, agravada pela divulgação da chacina dos Ianomami pelos garimpeiros na fronteira do Brasil com a Venezuela, fez com que os índios das aldeias Aramirã, Taite-tua, Ytuwasu e Mariry, na reserva Waiãpi, não escondam que estão apavorados com a possibilidade de ocorrer com eles o que aconteceu em Roraima.

O cacique Kumai, da aldeia Aramirã, quando da visita de nossa reportagem, demonstrou claramente que qualquer tentativa de invasão da reserva vai ser reprimida pelos índios. A partir das denúncias, os índios procuram sempre andar em grupos, armados, e dificilmente deixam na aldeia apenas mulheres e crianças.

O nome "Catarino", referindo-se ao presidente da Cooperativa

E. Chagas



Waiãpi: "Garimpeiro, sinônimo de encrência".

dos Garimpeiros do Amapá, é proibido entre os índios, mesmo sem conhecê-lo.

O temor dos índios está se refletindo no seu dia-a-dia, já que poucos se atrevem a ir para roça, caçar ou pescar, sem a companhia de outros índios.

Antropóloga afirma que denúncias são mentiras

A antropóloga Dominique Gallois, acusada de garimpagem irregular na reserva indígena Waiãpi pela prefeita de Amapari, Socorro Pelaes, disse que isso pode ser uma maneira de tentar atrasar ou inviabilizar a demarcação das terras Waiãpi. Ela afirma, em entrevista exclusiva ao JD que essas manobras podem estar sendo articuladas por setores que não querem a demarcação da reserva por interesses econômicos.

O que é mais estranho, ressalta Dominique, é que essas denúncias estão surgindo um mês antes do início dos trabalhos da demarcação, levantando fatos irreais sobre pessoas e instituições que estão diretamente ligadas a esses trabalhos de demarcação. A demarcação vai impedir definitivamente o acesso da área aos interesses mineiros. Dominique Gallois explica que área da reserva está garantida por Lei, faltando apenas a demarcação física, o que deverá ser feita com recursos do Banco Alemão, através do Centro de Treinamento Indígena (CTI), o qual Dominique Gallois é coordenadora no Amapá, com acompanhamento da Funai.

ACUSAÇÕES

Tanto Dominique Gallois como o administrador regional da Funai no Amapá, Antônio Pereira Neto, foram alvo de sérias acusações da prefeita, nas quais denunciou através da imprensa amapaense a exploração de garimpos de ouro e diamantes na reserva, explorando os índios, que trocavam a produção por "bugingangas". Esse trabalho de exploração desenvolvido pela antropóloga belga naturalizada brasileira, seria com total apoio de Antônio Neto.

Dominique Gallois esclarece que não conhece a prefeita Socorro Pelaes e acredita que ela também não possui profundo conhecimento das atividades do CTI na reserva indígena Waiãpi. Ela considera as denúncias da prefeita totalmente absurdas. Nenhum dos fatos citados por Socorro Pelaes, garante, são passivos de confirmação. Ela afirma que estranha o fato de

E. Chagas



Dominique Gallois durante treinamento indígena na reserva Waiãpi.

uma pessoa que não procurou confirmação dos fatos na fonte, tenha embasamento para divulgar denúncias desse tipo.

GARIMPO

A antropóloga explica que começou seu trabalho com os Waiãpi quanto pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) em 1977. Acompanhou toda uma trajetória de experiências de contato dos índios com a região. Desde então, a exploração do garimpo sempre foi um problema muito grave devido a invasão das terras indígenas e as doenças trazidas por garimpeiros.

Nos anos 80, lembra Dominique, os índios decidiram expulsar os garimpeiros que insistiam em ficar na região. Hoje não existe invasão na área dos Waiãpi e isso é garantido pelos próprios índios que sempre buscam manter os garimpeiros longe da região. Nessa proteção da reserva contra invasões, nunca foi uso de violência.

Nesse processo de retirada dos garimpeiros da região, os índios aprenderam a garimpar desde o final da década de 70.

Devido ao contato com o homem branco afirma Dominique, os índios adquirem uma série de dependências. Uma dessas dependências é a necessidade de munição usada para caça o ano

inteiro. A partir daí, começaram a buscar uma fonte de renda para a compra dessa munição que era escassa, passando a tomar conta de suas terras de maneira total.

PROJETO

Em 1985, devido a necessidade de melhorar a produção, o CTI decidiu contribuir com apoio. Assim surgiu o primeiro projeto, aprovado pela Secretária de Meio Ambiente da Presidência da República (Semiam). Esse projeto visa orientar e controlar as atividades garimpeiras dos índios Waiãpi, evitando que eles degradassem e passassem a utilizar mercúrio. O projeto, garante a antropóloga, não trata apenas de ajudar os índios a ter uma pequena produção de ouro, como também dar aos Waiãpi a chance de serem autônomos na sua relação comercial com os brancos, cuidar dos equipamentos e a diversificação econômica através de pesquisas e seleção de atividades com alguns produtos da floresta. O CTI está desenvolvendo trabalhos de exploração e comercialização do óleo de copaíba.

Dominique Gallois afirma que a produção de ouro nos garimpos da reserva é muito pequena. Segundo seus relatos, cada buraco cavado pelos índios em cerca de 15 dias, produz no máximo 10 gramas de ouro.